

XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT-1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

INFOCOMUNICAÇÃO E PROTOINFORMAÇÃO: ENSAIOS CONCEITUAIS E DEFINIÇÕES

INFOCOMMUNICATION AND PROTOINFORMATION: CONCEPTUAL ESSAYS AND DEFINITIONS

Eliane Pawłowski de Oliveira Araújo. UFMG.

Claudio Paixão Anastácio de Paula. UFMG.

Jose Ricardo da Silva Neto. UFMG.

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: A informação, por ser um objeto multiperspéctico, possui definições variadas. O mesmo se dá com os termos associados a ela. Nesse sentido, objetivando conceitualizar a expressão “fenômeno infocomunicacional” na perspectiva da Ciência da Informação, o presente trabalho parte da compreensão de seus elementos fundantes iniciando a análise por sua base constitutiva – a Protoinformação. Utilizando-se de uma pesquisa bibliográfica, aproximaram-se conceitos diversos para desenvolver uma base teórica compreensiva para esse fenômeno e seus elementos subjacentes. Resultou deste estudo um modelo conceitual que, pretende-se, possa referenciar o desenvolvimento de vários outros conceitos que ainda necessitam ser apropriados pela Ciência da Informação.

Palavras-Chave: Fenômeno infocomunicacional. Protoinformação. Memeplexos.

Abstract: Information, being a multiperspective object, has different definitions. The same happens with the terms associated with it. In this sense, aiming to conceptualize the expression “infocommunicational phenomenon” from the perspective of Information Science, the present work starts from understanding its founding elements, starting the analysis by its constitutive basis - Protoinformation. Using bibliography research, different concepts were approached to develop a comprehensive theoretical basis for this phenomenon and its underlying elements. This study resulted in a conceptual model that, it is intended, can reference the development of several other concepts that still need to be appropriated by Information Science.

Keywords: Keyword. Infocommunicational phenomenon. Protoinformation. Memeplex.

1 INTRODUÇÃO

A tarefa de investir no desenvolvimento de conceitos não é fácil, pois os fenômenos que os envolvem não estão isolados de um contexto sócio histórico cultural, o que os dota de características e pontos de investigação muito distintos. Um exemplo desse dilema é o problema em torno do estabelecimento do conceito de informação.



Uma definição simples considera o termo como um substantivo feminino com o significado baseado em sua origem etimológica latina *informātio* cujo sentido se refere à ação de formar, dar forma a algo. Capurro e Hjorland (2007), numa tentativa de revisar o status do conceito de informação na Ciência da Informação (CI), escreveram um artigo extenso abordando diversas definições sobre o termo sem, contudo, serem exaustivos. Não há como sé-lo.

Contudo, diante da necessidade de delinear melhor o termo “fenômeno infocomunicacional” - expressão derivada do conceito de informação e que tem se tornado uma necessidade recorrente para os autores deste trabalho em virtude das suas pesquisas, será buscada, em Aristóteles, uma ferramenta conceitual. Para tanto, partiu-se da doutrina aristotélica do Hilemorfismo, que considera que todo ser se constitui de matéria (*hile*) e de forma (*morphe*), entendendo-se como matéria a potencialidade de ser, enquanto, como forma, a tradução da essência do ser, aquilo que é. A analogia pretendida considera que essa teoria pode se aplicar não somente a coisas físicas, mas que o entendimento pode ser ampliado para o campo informacional ao relacionar a matéria ao que será chamado aqui de protoinformação.

Para que esse entendimento se estruture, entretanto, se fazem necessárias duas reflexões: a primeira sobre a reconhecida distância que se estabelece entre o produto da observação humana e a coisa observada, e, a segunda, sobre o conceito de meme, enquanto uma unidade informacional, baseado no entendimento de Dawkins (2007).

Nesse sentido, realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa do tipo bibliográfica, que buscou conceitualizar a expressão “fenômeno infocomunicacional” na perspectiva da CI, partindo da compreensão de seus elementos fundantes. Acredita-se que essa iniciativa possa vir a se configurar como uma referência para o desenvolvimento de outros conceitos que ainda necessitam ser apropriados pela Ciência da Informação.

2 O PROBLEMA DO OBSERVADOR E DA MATERIALIDADE

Dentre os inúmeros autores que se dedicaram a esmiuçar essa distância, o mais célebre talvez seja Immanuel Kant (1724-1804). Sua reflexão sobre como se dá a aproximação entre o observador e o mundo fenomênico tornou-se germen de muitas discussões posteriores. Tolley (2016), por exemplo, destaca o papel que imaginação, aparências,



imagens, “esquemas” (*Schemata*) e percepção tem, juntamente com a experiência, na reflexão kantiana sobre o surgimento da cognição.

Em linhas gerais, Kant (1980) reconhece a cognição como um produto da reunião de proposições intelectuais (conceitos sobre os objetos) e experenciais (apreensões sensíveis sobre os objetos). Nessa perspectiva, apesar do mundo existir por si mesmo e independentemente da existência humana, o ser humano não tem acesso direto a ele senão através da confluência dos seus sentidos (tato, olfato, visão, paladar, audição) e da sua razão: um processo interno, simbólico e perceptual que se processa no nível individual.

Esse mesmo raciocínio pode ser expandido para o processo informacional, considerando-o um processo cognitivo (portanto, de ordem mental) resultante da agência íntima e subjetiva de um observador sobre seu objeto de conhecimento.

Assim, a essência do processo informacional seria, também, de natureza individual e resultante de um processo interno de interação com uma materialidade externa a si (seja essa “materialidade” concreta ou virtual). Nesse processo, cabe destacar os objetos da cultura, que podem ser considerados como expressões cristalizadas em um processo externo de ordem material perceptível (sejam verbais ou corporais; registros impressos, digitais, pictóricos; entidades do mundo fenomênico; ou percepções advindas dos sentidos).

Nessa perspectiva, a cultura pode ser considerada: fruto da interação de cada humano com o meio; de cada apropriação individual desse meio através da percepção; da confluência de percepções externas com as percepções do seu mundo subjetivo (i.e. sonhos, desejos, afetos, fantasias etc.); de reflexões sobre essa experiência baseadas em experiências prévias ou em referenciais obtidos de outrem; das representações diversas dessas experiências e reflexões (desde a escrita até os rituais mais diversos); das reações dos indivíduos a essas elaborações; e, finalmente, das reflexões e reelaborações feitas por esse indivíduo e seus semelhantes, em rede, sobre suas produções nesse contexto.

Não acidentalmente, Roubakine (1998) irá caracterizar o livro, num sentido amplo semelhante ao dado por Otlet (2018) - qualquer objeto que possa ser lido -, como:

toda e qualquer palavra cristalizada, mas rogo aos meus leitores que não se esqueçam o que exatamente quero dizer com este termo. O leitor de um livro, considerado em relação a este livro, é uma função dele. Considerado em sua existência independente, todo e qualquer exemplar de um livro pode ser entendido como uma 'constante' no tempo e no espaço (...) Aquilo que consideramos livros, é na verdade o fenômeno da leitura, são as nossas opiniões sobre os livros ou as opiniões de outrem, objetivadas de alguma



forma no momento em que o livro é lido, na realidade, no momento em que se exerce sua função (ROUBAKINE, 1998, p. 11 e 12).

Nessa concepção, leitores/usuários/indivíduos/sujeitos informacionais não são passivos, são interagentes. Será também essa noção a fundamentação da concepção estivalsiana de que “um documento só existe como tal a partir do instante em que encontra seu usuário” (ESTIVALS, 1981, p. 124).

Nesses termos, pode-se retomar a discussão sobre o conceito de informação. Epistemologicamente, não se trata, somente, de buscar uma definição do que é informação, mas também do que não é. E, nesse caso, outras questões importantes também se apresentam: se algo não é informação, por que não é? Se esse algo não é informação, existe nesse algo, a potencialidade para que ele se torne informação (tornando-o uma espécie de protoinformação)? E, finalmente, quais condições possibilitam essa conversão possível?

3 A PROTOINFORMAÇÃO

O provável ponto mais chamativo do conceito de protoinformação está diretamente relacionado à utilização do prefixo “proto” associado a um conceito tão complexo quanto “informação”. Esse prefixo denota em si a ideia de algo que antecede, se faz previamente à realização do conceito ao qual serve na construção etimológica, ou seja, a protoinformação em si se dispõe a qualificar o que existe antes de ser firmada a concepção da informação. Partindo deste ponto, é necessário observar o papel do sujeito na construção da informação, para além de um observador, que irá “ler” a informação presente em um documento.

Segundo a abordagem apontada por Dodig-Crnkovic (2014) a protoinformação é toda a informação potencial que pode ser encontrada no tecido do universo. O autor estabelece a sua afirmação em uma contraposição a Floridi (2003) o qual, por sua vez, aponta que, filosoficamente, a realidade e a percepção da mesma são informacionais; logo, a informação seria o tecido do universo. O principal ponto da contraposição a Floridi (2003) feita por Dodig-Crnkovic (2014) se firma no apontamento de que a informação presente na “materialidade”, necessita objetivamente da interação de um agente capaz de interpretá-la para que esta, de fato, seja uma informação. A informação então, não é uma informação até que algum agente a torne utilizável por meio da observação e sequente interpretação.

Caracterizada como protoinformação ou proto data, este tipo de informação potencial



é o que permanece no mundo quando não há agentes cognitivos, ou “agentes decodificadores”. Logo, em um vácuo hipotético onde não há nada capaz de observar/decodificar a um objeto, as protoinformações presentes nele permanecem potenciais, da mesma forma que, ao se “fecharem os olhos”, o mundo ao redor não deixa de existir, pois o mundo ainda existia mesmo antes de poder ser interpretado pela primeira forma de vida (DODIG-CRNKOVIC, 2014). O conceito de protoinformação como colocado pelos autores anteriormente citados, vai ao encontro da fala de Capurro e Hjorland (2017, p. 164) quando dizem que “A informação não é um elemento observável puro, mas um construto teórico”. Dessa forma, a protoinformação é a origem material que dará base para que a informação seja elaborada por um amplo ato cognitivo descrito pelo observador através de um construto teórico. Ou, em analogia à teoria do Hilemorfismo, nesse estágio, a “informação” é matéria.

Nessa perspectiva, os mais variados conhecimentos e experiências prévias dos sujeitos irão propiciar a eles repertórios distintos para a interpretação das protoinformações presentes na realidade ao seu redor. Um objeto, então, pode conter diferentes informações para diferentes sujeitos, acessíveis em camadas a partir do repertório de conhecimentos, referências e informações prévias que cada qual possui (CAPURRO; HJORLAND, 2007). Mesmo uma mensagem, codificada em qualquer linguagem, será apenas uma sequência caótica de caracteres caso não se saiba como ler o código em questão. Seu conteúdo não tem valor para um receptor sem que ele a saiba utilizar e possua acesso ao sistema de codificação em que se baseia a mensagem (DE VRIES, 2022).

Uma possível forma de codificação da protoinformação é, após sua assimilação pelo sujeito, o seu registro em um documento. Nessa “forma”, ela é passível de ser novamente decodificada e reconvertida em informação *a posteriori* ficando, assim, num processo contínuo, sua transformação à mercê da subjetividade do observador. Esse movimento sugere que compartilha-se uma interpretação da protoinformação (que foi transformada em informação por um indivíduo na intimidade do seu *cogito*) que é convertida em protoinformação quando é externalizada. Isso ocorre na esperança que o emissor tem de que seu interlocutor possa vir a compreendê-la por meio da posse de supostas chaves para significados subentendidos que ele julga que o receptor possa vir a possuir.

Considerando-se que o fenômeno infocomunicacional ocorre dentro de um contexto



cultural, faz-se necessário trazer uma abordagem que busque compreender como as informações se propagam nesse meio. Dawkins (2007) sugere essa abordagem, que se apresenta a seguir.

4 MEMES E MEMEPLEXOS

A proposta de uma memética (entendida como o estudo dos memes) surgiu como uma tentativa de aplicar noções da teoria da genética populacional aos estudos culturais. Isso se deu quando Dawkins (2007), numa tentativa de explicar o fato de certas transformações sofridas pelos comportamentos culturais humanos parecerem seguir um modelo evolutivo darwiniano, sugeriu a existência de um análogo mental do gene (uma menor unidade possível de informação cultural) como base para explicar esses fenômenos. Essa noção foi apropriada por Susan Blackmore (psicóloga) e Daniel Dennett (filósofo do conhecimento) e outros autores que, junto com o próprio Dawkins, desenvolveram os *insights* sobre o caráter individualista da ação dos genes na evolução das espécies na direção da concepção de uma hipótese explicativa sobre o comportamento dessas unidades de informação cultural e as suas transformações através de noções como variação e associação memética (PAULA, 2021).

A proposta memética se apresenta como uma alternativa para o estudo da informação e da cultura a partir de uma analogia com os princípios da evolução darwiniana - ao utilizar modelos evolutivos para descrever a transferência de informações e explicar como certas ideias podem se propagar com sucesso, e outras não - e sobre como essa propagação pode se dar independentemente dessas informações serem ou não verdades factuais.

Em síntese, um meme/"unidade de cultura" (base de ideias, crenças e padrões de comportamento) poderia fixar-se nas mentes de um ou mais indivíduos e, a partir delas, se reproduzir, através da comunicação entre as pessoas. Nessa perspectiva, um emissor humano de informações e os meios que ele utiliza para disseminar suas ideias poderiam ser considerados como um mecanismo replicador de ideias que se reproduzem em novos hospedeiros, sendo que o sucesso de um meme específico estaria relacionado à sua contribuição para a eficácia da ação de seu hospedeiro no mundo.

Nesse sentido, um bom meme (ou um conjunto de bons memes associados - um "memeplexo"), ou uma boa unidade mínima de informação, não seria bom por ser faticamente correto ou por contribuir para a sobrevivência de seu organismo (mente)



hospedeiro(a), e sim porque ele resolve o problema de complexidade do mundo e “acalma” seu “hospedeiro” diante da angústia que essa complexidade provoca (PAULA, 2021).

Um estudo recente e muitíssimo interessante intitulado *‘Viral’ Hunts? A Cultural Darwinian Analysis of Witch Persecutions* (HOFHUIS; BOUDRY, 2019), parece confirmar essa noção. Nele, ao estudarem os documentos históricos sobre as perseguições às bruxas na Europa entre os séculos XV ao XVII numa perspectiva darwiniana da análise cultural, os autores encontraram sólidas evidências dos motivos pelos quais as crenças na feitiçaria e na caça às bruxas persistiram e se difundiram, apesar do fato de que, como muitos historiadores concluíram, ninguém parecia ter sido beneficiado por elas. Os autores concluíram que o *design* que os conceitos de feitiçaria assumiu ao longo do tempo resultou de um processo de evolução darwiniano, que se deu a partir da seleção e acumulação de variantes culturais que acidentalmente potencializaram a reprodução da caça às bruxas. Esses resultados parecem encaixar as perseguições às bruxas na descrição que Dawkins (2007) faz de como um fenômeno sociocultural pode assumir um caráter viral e se reproduzir ‘egoisticamente’ (como descrito em seu “O gene egoísta”), prejudicando e, até mesmo, indo contra os interesses de seus hospedeiros humanos.

Pode-se visualizar, a partir daí, uma conexão bastante sólida da hipótese memética e o fenômeno da agregação de sentido. Nesse desenho, como descrito acima, pode-se observar o peso assumido pela transmissão simbólica (através da incorporação de memes e a disputa entre eles pelo limitado espaço nas mentes individuais) na deriva das informações transmitidas pelo ambiente e pelos outros indivíduos e na consequente formação do sentido pelo agrupamento de micro informações (memes) organizadas em termos de símbolos, signos, conceitos e representações (memplexos), elementos que caracterizam o que se denomina, no presente trabalho, de infocomunicação.

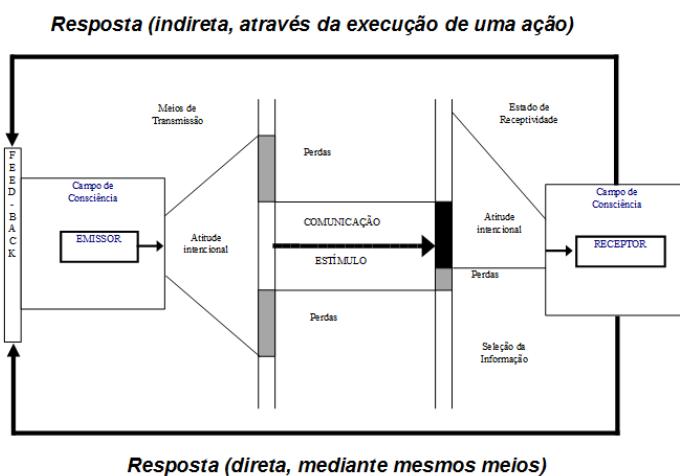
5 INFOCOMUNICAÇÃO

Apresentados os conceitos de protoinformação (como uma possibilidade de informação a ser convertida em informação de acordo com a sua assimilação por um sujeito cognitivo), bem como a definição de meme (entendido como uma unidade de cultura hospedada nas mentes dos indivíduos, passível de se reproduzir a partir da comunicação entre as pessoas), deriva-se, por fim, um entendimento possível do que pode ser entendido como

infocomunicação na perspectiva da CI.

Para caracterizar esse fenômeno, considerando a informação no seu conceito etimológico mais elementar de “dar forma a algo”, é importante destacar que esse processo ocorre dentro de uma esfera comunicacional (ARAÚJO, 2017). Nesse sentido, o entendimento do processo de comunicação - que envolve a transmissão de determinada informação e as ações desencadeadas com esse fim - é bem representado, para os objetivos do presente trabalho, pelo modelo desenvolvido por Didier Anzieu e Jacques Yves Martin, adaptado por Claudio Paula (Figura 1):

Figura 1 - Modelo descritivo do processo de comunicação de informações.



Fonte: Adaptado de Anzieu; Martin (1971, p. 113) por Paula (1999)

De acordo com Paula (2012, p. 121), os autores buscaram destacar no modelo outros aspectos, que não apenas a informação codificada e as perdas que ocorrem no processo de comunicação, visto a relação emissor-receptor envolver duas personalidades engajadas numa luta de significações, além do fato de que “os indivíduos que se comunicam caracterizam-se por sua história pessoal, seu sistema de motivações, seu estado afetivo, seu nível intelectual e cultural, seu marco de referência, seu status social e seus papéis psicossociais”.

O resultado dessa luta é a produção de uma série de variantes entre as significações produzidas que, como no caso dos mitemas¹ estudados por Durand (1983), podem adquirir

¹ Mitemas são as grandes unidades constitutivas dos mitos e o radical que constitui os mitos de forma análoga aos que compõem outros tipos de discurso. O mitema, enquanto fundamento, é uma sequência significativa que se encontra acima das unidades que normalmente compõem a frase (fonemas, morfemas, semantemas) (ARAÚJO; SILVA, 1995).



um status dinâmico ou estático dependendo do contexto e dos interlocutores, constatação que gera desdobramentos imprevisíveis à disputa pelo achamento dos sentidos das comunicações e traz um novo grau de profundidade ao conceito de infocomunicação.

O conceito etimológico de informação (do latim: modelar, dar forma) é aqui, portanto, levado às últimas consequências. As constelações de afinidades (DURAND, 1983; ARAÚJO; SILVA, 1995) entre variantes, criam laços, dobras e redobras semiológicas alterando constantemente o sentido das mensagens eliciadas e os filtros para a sua interpretação, dinâmica que produz um movimento constante e de constituição/empoderamento/delimitação/esgotamento de mensagens. Desse modo, considera-se que uma alternativa para alcançar e compreender essa complexidade pode ser a busca por identificar os núcleos essenciais dessas variantes, algo para o qual Araújo e Silva (1995) já apontavam ao descreverem os ideologemas – unidades "significantes de energias semânticas ao nível do imaginário social" (ARAÚJO; SILVA, 1995, p. 26) – passíveis de traduzir e articular as dimensões ideológica e mítica do discurso analisado.

A ampliação desse conceito para a incorporação das disposições psicológicas à noção de ideologema, pela via da cognição, está sendo objeto de estudo de Paula (não publicado). Como um desdobramento natural do trabalho desse autor, iniciado na década de 1990, pretende-se que esse estudo apoie o desenvolvimento das ideias que estão apresentadas de forma embrionária no presente artigo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse conjunto de elementos pode-se, finalmente, elaborar um entendimento conceitual do fenômeno infocomunicacional dentro da Ciência da Informação, que pode ser definido como um processo de intercâmbio multicausal que: (1) no aspecto informacional, se sustenta na noção de que a informação é (A) derivada da apreensão cognitiva (a partir da reunião de representações e experienciais/percepções sobre os objetos) que os indivíduos fazem de protoinformações; e (B) é, simultaneamente, fixada na mente desses indivíduos – entendidos como mecanismos replicadores de ideias passíveis de se reproduzirem e se modificam através de seleção, associações, variações e acumulação de variantes que seguem o modelo evolutivo darwiniano (advinda da memética) quando das interações com novos “hospedeiros” – e que, (2) no aspecto comunicacional, é sustentada por relações



estabelecidas entre indivíduos que comunicam, não somente uma determinada quantidade de informações, mas também intercambiam significações.

A despeito de outras leituras possíveis dentro da CI, não se pretende esgotar as discussões em torno desse conceito. Lembrando Capurro e Hjorland (2007, p. 149), “no discurso científico, conceitos teóricos não são elementos verdadeiros ou falsos ou reflexos de algum outro elemento da realidade; em vez disso, são construções planejadas para desempenhar um papel da melhor maneira possível”. Deste modo, acredita-se, a construção proposta clareia essa discussão já que, “quando se trata de interpretar fenômenos cuja complexidade nos desafia, a paciência do conceito é imprescindível” (SANTAELLA, 2003, p. 26). Assim, ainda sob a inspiração de Santaella (2003, p. 23), considera-se primordial que pesquisadores devam se “dedicar à tarefa de gerar conceitos que sejam capazes de nos levar a compreender de modo mais efetivo as complexidades com que a realidade em mutação nos desafia”.

REFERÊNCIAS

ANZIEU, D ; MARTIN, J-Y. **La dinámica de los grupos pequeños.** Buenos Aires: Editorial Kapelusz, 1971. 238p.

ARAÚJO, Alberto Filipe; SILVA, Armando Malheiro da. Mitanálise e interdisciplinaridade: subsídios para uma hermenêutica em Educação e em Ciências Sociais (partes 1 e 2). Separata de ARAÚJO, A.F.; SILVA, A.M da. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga : Instituto de Educação e Psicologia. v. 8, n.1, p. 117-142. e v. 8, n.2, p. 131-146, 1995. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/39313?mode=full>. Acesso: 20, ago. 2022.

ARAÚJO, Eliane Pawlowski Oliveira. **Comportamento informacional em processos decisórios estratégicos:** dimensão simbólica do uso da informação por gestores. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Braga, 365 p. 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUBD-AXVN94>. Acesso: 20, ago. 2022.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/j7936SHkZJkpGH5ZNYQXnC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 20, ago. 2022.

DAWKINS, R. **O gene egoísta.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 544p.

DE VRIES, Andreas. Die Relativität der Information. **Jahresschrift der Bochumer Interdisziplinären Gesellschaft eV.** p. 11-38, 2004. Disponível em: <https://www.math-it.de/Publikationen/Information.pdf>. Acesso: 20, ago. 2022.



DODIG-CRNKOVIC, Gordana. Info-computational constructivism and cognition. **Constructivist Foundations**, v. 9, n. 2, p. 223-231, 2014. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.696.9252&rep=rep1&type=pdf>. Acesso: 20, ago. 2022.

DURAND, Gilbert. **Mito e Sociedade**: A Mitanálise e a Sociologia das Profundezas. Trad. de Nuno Júdice, Lisboa: A Regra do Jogo, 1983. 63p.

ESTIVALS, Robert. A Dialética contraditória e complementar do escrito e do documento. R. **Esc. Bibliotecon**. UFMG, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 121-152, 1981. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36384/28475>. Acesso: 20, ago. 2022.

FLORIDI, Luciano. Informational realism. **Conferences in Research and Practice in Information Technology**, Vol. 37. J. Weckert and Y. Al-Saggaf, Eds, 2003. Disponível em: <http://philsci-archive.pitt.edu/2538/1/ir.pdf>. Acesso: 20, ago. 2022.

HOFHUIS, Steije; BOUDRY, Maarten. 'Viral'hunts? A cultural Darwinian analysis of witch persecutions. **Cultural Science Journal**, v. 11, n. 1, p. 13-29, 2019. Disponível em: <https://sciendo.com/article/10.5334/csci.116>. Acesso: 20, ago. 2022.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**, traduzido por Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1980. 415 p.

OTLET, Paul. **Tratado de documentação**: o livro sobre o livro teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos Livros. 2018. 698 p.

PAULA, Cláudio Paixão Anastácio. **Informação e Psicodinâmica organizacional**: um estudo teórico. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 1999. 109 p. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-92YEYJ>. Acesso: 20, ago. 2022.

PAULA, Cláudio Paixão Anastácio. Dimensões simbólicas e afetivas do uso da informação: uma análise das comunicações entre professores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior pública brasileira. **Perspectivas em gestão & conhecimento**, v. 2, Número Especial, p. 118-132, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/53359>. Acesso: 20, ago. 2022.

PAULA, Cláudio Paixão Anastácio. Uma epistemologia genética dos ecossistemas de desinformação? Problema interdisciplinar / resposta transdisciplinar. **Palabra Clave (La Plata)**. v.10, n. 2, não paginado, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=350566284001>. Acesso: 24, mai. 2022.

PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. **Variantes virais da informação cultural**: possibilidades metodológicas inspiradas pela análise darwiniana da seleção e acumulação de mutações da informação. Não publicado

ROUBAKINE, Nicolas. **Introduction à la psychologie bibliologique**. Noyers-sur-Serein: Association Internationale de Bibliologie. 1998. 604 pp.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista**



ENANCIB 2022

PORTO ALEGRE | UFRGS | PPGCIN

XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação •

ENANCIB

Porto Alegre • 07 a 11 de novembro de 2022

FAMECOS. nº 22. Porto Alegre: dezembro, 2003. p. 24-32. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/N%C3%83%C6%92O%20https://www.scimagojr.com/index.php/revistafamecos/article/download/3229/2493>. Acesso: 26, mai. 2022.

TOLLEY, Clinton. Between perception and understanding, from Leibniz to Kant. **Estudos**

Kantianos [EK], v. 4, n. 02, p. 71-98, 2016. Disponível em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/ek/article/view/6658>. Acesso: 26, mai. 2022.